

Daniele Noal Gai
Wagner Ferraz (Orgs.)

parafernália II
Currículo, cadê a poesia?

educação - saúde - artes

INDEP 

processo^{C3}
www.processoc3.com



Daniele Noal Gai

Wagner Ferraz

Orgs.

**PARAFERNÁLIAS II:
Currículo, cadê a poesia?**

1ª Edição

Porto Alegre

INDEPIn

Copyright © 2014 Daniele Noal Gai e Wagner Ferraz

Organizadores:

Daniele Noal Gai e Wagner Ferraz

Projeto Editorial:

INDEPIN - Miriam Piber Campos
Processo C3 - Wagner Ferraz

Capa:

Anderson Luiz de Souza

Layout:

Wagner Ferraz

Diagramação:

Diego Mateus e Wagner Ferraz

Revisão:

Carla Severo Trindade

INDEPIN Editora - Coordenação Editorial
Miriam Piber Campos e Wagner Ferraz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G137p Gai, Daniele Noal
Parafernália II: currículo, cadê a poesia? / Daniele Noal
Gai e Wagner Ferraz. – Porto Alegre: INDEPIN, 2014.
130 p.

ISBN 978-85-66402-14-8

1. Educação - currículo. 2. Poesia. I. Ferraz, Wagner.
II. Título.

CDU 37.017

Bibliotecária Responsável: Ana Lígia Trindade CRB/10-1235

2014
INDEPIN
www.indepin-edu.com.br

PESQUISANDO COM ALICE, NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Daniela Dallegrove¹
Ricardo Burg Ceccim²

1. Grupo Hospitalar Conceição – GHC, Brasil. Grupos de Pesquisa Ensi-g-nar e EducaSaúde - Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde.

2. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. EducaSaúde - Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde.

Currículo, cadê a poesia?

Vocês sabem que a garota que Lewis Carroll colocou no País das Maravilhas, Alice, aparece não raramente como portadora de perguntas.

Luiz Orlandi

Em *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, a beleza da história, as vivências instigantes (provocadoras de saídas de si), o paradoxo (que se apresenta e instaura), intensidades presentes e possibilitadas àquele que lê, nos pareceram reais na vivência de pesquisa. A genialidade e o devir dos habitantes daquele País, seres participantes do mundo de Alice, apresentaram-nos possibilidades de habitar o lugar da pesquisa e o campo a ser pesquisado, apresentando-nos a oportunidade de perseguir um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa (e sua aparição na curiosidade de Alice, obrigando-a a vasculhar/vasculhar-se e encetar), produzindo deslocamentos de si, na pesquisadora e no orientador, nos entornos (arredores do país em análise e no País) e nos solos por onde andar.

Olhar para o tão familiar e “sofrer” diferenças. Produzir ciência e pensar diferente. Juntar os dados, das fontes e dos contatos, mas também as vivências e os afetos. Recolher todos os cacarecos e poder pensar? Ou cair vertiginosamente num pensar diferente? Escrever sobre o que está em estudo e, ao mesmo tempo, escrever-se? O diferente não é o novo, o diferente é a possibilidade de inventar o mundo e a si mesmo, porque coloca-nos diante de um constrangimento (o impossível de restar impassível), uma surpresa, um estranhamento, um vazio. O diferente é poder percorrer as letras escorridas página a página e *imaginar*, como Alice inventando o

Paraferrnáticas II

País das Maravilhas¹ ou assim como quem pesquisa, *inventando* o que produz.

Pesquisar com a intercessão de Alice foi, portanto, a possibilidade de estar em um corpo com muitos tamanhos, ser alguém que reconhece e estranha os lugares por onde passa, habita um mundo onde coisas aparecem e desaparecem e percorre o caminho trilhado por um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa, atravessando fronteiras de tempo. É também a certeza de encontrar-se com o inusitado, com os paradoxos, com o crescer e o diminuir, com o não saber mais qual é o tamanho da pesquisa, o tamanho de quem pesquisa.

Perseguindo o Coelho Branco de olhos cor-de-rosa

O Coelho Branco passa e desperta a atenção, conduz pelo caminho e apresenta uma possibilidade de desenho da pesquisa. Alice acompanha o Coelho e reconhece semelhanças nos lugares por onde passa, pois já passou por lá. Ao mesmo tempo, pensa: "como o dia está estranho hoje". O estranho inspira Alice. São modos novos de contar aquela história.

Alice se pergunta se a pesquisa seria uma corrida atrás do Coelho Branco. Seria dormir para poder acordar em um lugar outro? O Coelho Branco, ao trilhar um caminho, desenha uma possibilidade de metodologia, cola um cronograma de pesquisa em seu relógio, mas ele próprio, o Coelho, está sempre atrasado em uma realidade sempre em movimento, com fronteiras cronológicas e fronteiras cronogenéticas perturbando umas às outras. Coelho Branco que também é o orientador, que pode ser o tema da pesquisa ou os modos como o assunto pode ser olhado, que são as pessoas que convivem com Alice, seres espantosamente interessantes, que falam de seus Países, por vezes, em uma linguagem "nacional", que

1. CARROLL, 2009.

Curriculo, cadê a poesia?

Alice não consegue compreender ou, ainda, uma ideia fora do lugar. Conjunto, Coelho e País(es), que provoca Alice a pensar em “como tudo está estranho hoje”! Esse estranho se apresenta muito próximo de Alice e, de tão próximo, chega a machucar, a provocar sensações, a acarinhar. Ao estranhar o que lhe é familiar, Alice (que é muitas em uma só) faz acordos consigo. É o que transborda dos acordos produzidos por Alice que ela desenha na folha de papel, reunindo pedaços de solo para caminhar do jeito que sabe.

Às vezes, Alice não consegue perceber a presença do Coelho Branco. Rapidamente ele se esconde, aumenta a velocidade de suas passadas ou insiste em se fazer passar por outras coisas. O Coelho Branco quer brincar, quer saber onde está a curiosidade de Alice. Alice, por sua vez, insiste em andar por solo seguro e já conhecido. Mas o Coelho está ali para oferecer outra coisa. Não interessa para ele o já instituído, o já sabido, e já está atrasado para onde se deve ir.

Que tamanho tem quem escreve?

No mundo de quem pesquisa, não há apenas uma Alice. São muitas Alices no País das Maravilhas. Alices com muitos nomes, de muitos lugares, com as mais diversas curiosidades. Já o Coelho Branco de olhos cor-de-rosa não usa colete, nem possui um relógio, ainda que coletes e relógios, o da moda (do tempo dominado), o espreitem e ameacem. São Alices com muitas perguntas, com diferentes modos de percorrer o caminho atrás do Coelho Branco.

Manifesta-se em quem pesquisa a Alice-em-nós, que se encanta, que se diverte, que brinca com o seu Coelho. Alice deseja ir por onde sua curiosidade a levar, sem, muitas vezes, saber como sairá de lá, porque não sairá a mesma, nem do mesmo jeito que entrou.

São muitos Países das Maravilhas, muitos objetos de estudo, com inúmeras possibilidades de produção de saberes, olhados por

Parafernália II

muitas frestas, soleiras e buracos de fechadura. São portas e chaves (que, por vezes, têm tamanhos incompatíveis). É uma ponta, um ponto, um pedacinho, um bocado, grãos de areia, pedaços de cogumelos. São materiais, métodos, discussão.

A Alice-em-nós, ao pesquisar, cai em buracos que parecem não ter fim. A velocidade de queda pode ser sentida, ao mesmo tempo, rápida e devagar. A queda pode parecer rápida pelas possibilidades de aprender, de interrogar e de interrogar-se. Alice também pode sentir que não sai do lugar e que está atrasada em relação ao Coelho, que também está atrasado em relação a uma realidade sempre mutante. E quando Alice chega lá, tudo já parece ter mudado novamente.

A Alice-em-nós quer crescer, pois tem “medo” do que pode encontrar, tem “medo” de sumir com a grandiosidade de sua pesquisa, tem “medo” de se consumir na atividade de pesquisa. Mas Alice também deseja saber o que a fará diminuir, em que momentos precisará diminuir como um telescópio para atravessar passagens que só se abrem para determinados tamanhos. Há passagens secretas, há mundos que só podem ser vistos “através do espelho”, há lugares que Alice não consegue enxergar, mas ela está atenta e supõe que tudo está visto, inclusive os cantos que não pode ver, pois é a suposição que a faz caminhar. Grande ou pequena, Alice quer explorar e sonhar. Também não quer se desfazer do seu mundo real, seja lembrando da Gata Dinah, seja pensando que foi trocada por sua amiga Mabel.

Alice deseja muito encontrar... E que encontros pode ter durante a pesquisa?

Encontros das Maravilhas

Alice, ao entrar pela toca do Coelho, arrisca-se a provar o líquido de uma garrafa em que observa que não estava escrito “veneno”. O arriscar-se produz o inusitado em Alice: o “sabor misto de torta

Currículo, cadê a poesia?

de cereja, creme, abacaxi, peru assado, puxa-puxa e torrada quente com manteiga². Além do sabor, a sensação corporal é de estranhamento e de encolhimento. Estar menor é, então, a possibilidade de passar por portas que só se atravessa quando se tem vinte e cinco centímetros! Na pesquisa, experimentar ofertas do mundo vivo movimenta o pensamento e produz ideias no campo do estudo, faz emergir o ato de criação³. Mas só se passa pela porta quando corporalmente a Alice-em-nós tem a altura adequada, e as chaves na mão são compatíveis com a porta que precisa ser aberta.

No ato de pesquisar, nem todas as portas podem ser abertas. Alice se sente sozinha e acabrunhada⁴ e precisa inventar novos caminhos. Precisa também saber fazer as perguntas corretas a si e a quem encontra. E Alice é portadora de muitas perguntas... Ela se sente de diversos tamanhos ao tomar, ao comer, ao balançar o leque, ao calçar luvas de pelica. Ela encontra-se com muitos outros: o Camundongo, o Dodô, o Pato, o Papagaio, a Aguieta (um grupo “estrambótico”), o Pat, o Bill, a Lagarta Azul, a Pomba, os lacaios de libré (o Lacaio-Sapo e o Lacaio-Peixe), a Duquesa, a Cozinheira, o bebê que vira porco, o Gato de Cheshire (que tanto sorri, apesar de ser o único que estabelece uma conversa que Alice reconhece como natural), a Lebre de Março, o Caxinguelê, o Chapeleiro Maluco, os Jardineiros, a Rainha, o Rei, o Valete de Copas, o Grifo e a Tartaruga Falsa. Esses muitos outros encontram-se em Alice. Eles produzem a pesquisa e inventam uma nova Alice.

São encontros para correr em comitê (uma atividade cuja adequada explicação se procede ao praticar e na qual todos os praticantes são vencedores); para receber ordens de buscar um par de luvas e um leque (e, nessa busca, há a possibilidade de conhecer a casa do seu Coelho); para ser cutucada por pedras

2. CARROLL, 2009, p. 20.

3. DELEUZE, 1999.

4. CARROLL, 2009, p. 41.

Paraferrnáticas II

que viram bolinhos e podem fazer Alice diminuir de tamanho para desentalar de um lugar estreito; para produzir-se em dúvidas do que há para ser feito para retomar o tamanho “normal”; para perceber que ela sabia quem era ao acordar, mas que ao longo do dia passou por várias modificações, as quais não lhe permitem mais dizer quem é; para ouvir (da Lagarta) uma palavra de ordem: “controle-se!”⁵; para decidir esperar pelos conselhos dos habitantes do País das Maravilhas, uma vez que não há outra coisa para ser feita; para perceber que suas verdades são diferentes das verdades dos seres que encontra e que essas verdades podem conviver e ser reinventadas; para tentar identificar como se divide em dois lados um cogumelo perfeitamente redondo (e da eficiência nesta identificação decorre a sua possibilidade de retornar ao tamanho original ou desaparecer completamente).

São encontros para constatar que meninas comem tantos ovos quanto uma cobra e que, portanto, só podem ser uma espécie delas; para conversar consigo mesma, como um hábito no processo de produção de perguntas; para acostumar-se com aumentar e diminuir, com a possibilidade de controlar o seu tamanho para acessar determinadas pessoas e lugares; para receber convites para jogar croqué com a Rainha (um jogo tão vivo que parece não ter regras e, se tem, ninguém as segue!); para perceber que não basta o desejo de entrar em algum lugar, pois primeiro deve se perguntar se deve entrar; para manifestar que não quer se meter com gente “louca”, mas isso é inevitável (porque também Alice é louca ou não teria ido parar lá, segundo o Gato de Cheshire) e este encontro pode ser desafiador; para se questionar se *pensar* o que *diz* quer dizer o mesmo que *dizer* o que *pensa*; para estranhar-se com relógios que marcam o dia do ano e não as horas; para perceber que quem pergunta pode não querer uma resposta e nem se importar com se ela de fato existe; para considerar que as verdades dos outros podem ser reais, mesmo que ela nunca tenha

5. CARROLL, 2009, p. 58.

Curriculo, cadê a poesia?

sabido sobre o que falam os habitantes do País das Maravilhas.

São também encontros para achar curiosíssimo que flores brancas possam ser pintadas de vermelho, por habilidosos jardineiros; para reconhecer o seu Coelho Branco em meio a reis e rainhas; para ouvir a Rainha dizer a todo instante “cortem-lhe a cabeça!”, pois esse é o único jeito que conhece para “resolver todas as dificuldades, grandes ou pequenas”⁶; para logo depois todos serem perdoados pelo Rei; para ouvir segredos do seu Coelho; para chatear-se com a Duquesa e suas moralidades, mais do que verdadeiras; para conhecer a história da Tartaruga Falsa; para encantar-se com a escola do mar, que tinha aula de francês e música como a sua e também aula de lavanderia e aprendizagem sobre desembelezação, distração, histeria e desdém. Mas o mais curioso da escola do mar era a quantidade de aulas por dia: “dez horas no primeiro dia”, “nove no seguinte, e assim por diante”, pois só assim é possível se preparar para uma carreira, com aulas mais rápidas a cada dia.

Em poucos minutos, em seus encontros, Alice consegue ver-se conversando intimamente com os habitantes do País das Maravilhas. São encontros entre os devires de cada um, em produção de si e do outro. São possibilidades de acolher o outro em devir e produzir-se em novos devires.

Os fins... Sempre solenes!

No original, de Carroll, Alice vai caminhando, em sua perseguição ao Coelho Branco, e no caminhar conhece esse País que lhe parece familiar, mas que se apresenta estranho, e também vai encontrando as criaturas desse País que vão lhe introduzindo diversidades, estranhamentos, discrepâncias, paradoxos. Ao final, o Coelho

6. Idem, p. 101.

7. CARROLL, 2009, p. 114.

Paraferrnáticas II

Branco se apresenta com um pergaminho em uma mão e, na outra, uma corneta, em posição solene, em um tribunal onde alguém será julgado/a. Todos os residentes do País das Maravilhas encontram-se lá, nesta arena de trabalho. São 12 jurados, os quais escrevem seus nomes em lousas próprias. Faziam isso para que não esquecessem seus nomes antes de terminar a sessão (já não seriam mais os mesmos?). Uma das cartas do baralho estava sendo julgada por acusação de furto das tortas feitas pela Rainha. No julgamento, cada testemunha conta a sua versão do acontecido. É nesse julgamento (final) que todos se encontram. No ato de pesquisar, especialmente quando Alice está vinculada a um programa de pós-graduação, os fins também são solenes: as bancas de qualificação e defesa (que também julgam Alice e a invenção do seu País das Maravilhas), as entregas de relatórios, a produção científica e a apresentação ao mundo, não raramente através da publicação em periódicos ou congressos, simpósios e eventos da área de conhecimento.

É no final que o Coelho Branco sorri de tudo e fala apressadamente (nervosamente?). Mas também é ele quem conduz a solenidade, é ele quem sabe de todas as etapas e dos caminhos do País das Maravilhas (ou seria o sonho de Alice?).

No tribunal, o chapéu do Chapeleiro Maluco é tomado pelo Rei como roubado, pois, segundo quem o veste, não lhe pertence. Poderia estar emprestado? Poderia, ainda, ter sido experimentado por seu artesão para melhor ajustá-lo? O que é possível concluir no Julgamento Final? O que é possível considerar em uma pesquisa?

Inesperadamente, sem fazer nada que provocasse isso, Alice começa a crescer durante o Julgamento. Sensação corporal. Afecção. Como quando pesquisa, Alice se modifica a todo instante. Pode compreender suas mudanças. Pode até interferir nelas, mas não pode controlá-las. Alice é chamada pelo seu Coelho Branco para prestar depoimento. O que importa já não são as tortas ou quem as roubou. Alice não sabe nada sobre este caso, absolutamente nada! O que importa é o encontro, é a festa, são as sensações de estar ali e conhecer aquele mundo.

Currículo, cadê a poesia?

De repente, Alice joga o baralho ao ar e acorda no colo de sua irmã. “Ficou ali sentada, os olhos fechados, e quase acreditou estar no País das Maravilhas, embora soubesse que bastaria abri-los e tudo se transformaria em insípida realidade”⁸. Pois nos ocorre que o pesquisador, que relata seus achados, não existia quando apresentou suas primeiras perguntas e saiu a campo. No momento do relato, é o pesquisador que veio a se tornar. Não há o pesquisador preexistente, mas aquele que emergiu de si mesmo, fruto do contato, do aprendizado, do estranhamento, do desassossego. O pesquisador que tem uma pergunta e um método preordenados é um pesquisador já dado e que se põe a conhecer um objeto já dado, a descobrir sua verdade, a saber sobre sua verdade; o pesquisador que tem um problema e o dom da exposição partirá para a criação de si e dos objetos. Este pesquisador não constata a realidade, a inventa. Ao inventá-la, ele coloca as questões problemáticas, revela o processo de constituição das realidades, destaca os graus de potência de vida que se afirmam ou dispersam, que proliferam ou são capturados, que são valorizados ou desperdiçados. Cria possibilidade às apreensões que podem reordenar enunciados e visibilidades, convocando os operadores sociais das práticas pesquisadas à atividade de conexão, produção de redes e configuração de realidades, a um processo que se prolonga por sujeitos e objetos em produção.

8. CARROLL, 2009, p. 148.

Paraferrnáticas II

Referências

CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no país das maravilhas; Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*. (Trad. por Maria Luiza Xavier de Almeida Borges). Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DELEUZE, Gilles. O ato de criação [palestra de 1987]. (Trad. por José Marcos Macedo). *Folha de São Paulo* (Caderno Mais!), 27 jun. 1999, p. 4-5.

ORLANDI, Luiz Benedicto Lacerda. O Gato entre Alice e Foucault. In: RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). *Figuras de Foucault*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 147-154.